

Coronel Pintor relembra resgate no histórico incêndio do edifício Joelma, em São Paulo

(Matheus Arruda)
Há 45 anos, em uma sexta-feira, 1º de fevereiro de 1974, por volta das 8h20, pessoas apressadas já percorriam as calçadas e os veículos zuniam na avenida Nove de Julho, centro nervoso de São Paulo, onde localizava-se o edifício Joelma, à altura do nº 225, que abrigava o Banco Crefisul de Investimentos. Obstante, devido a omissões de segurança, esse não seria um expediente rotineiro. A fatídica data marcaria eternamente a história do País, como "o segundo pior incêndio em aranha-céu do mundo, por número de vítimas fatais, depois do ataque às Torres Gêmeas, em Nova Iorque", de acordo com autores sobre segurança internacional.

A memória do Coronel e

atual vice-prefeito de Itapetininga, Josué Alvares Pintor, aos 73 anos, remonta a trágicas imagens de pessoas saltando do prédio que ardia em chamas, fugindo do fogo e encontrando, ao estatelar-se no chão, um fim menos horrível. Conta-se, pelas notícias da época, veiculadas pelos principais meios de comunicação, que o incêndio no edifício Joelma, de 26 andares, iniciou por volta das 8h. A causa atribui-se a instalações inadequadas e inferiores de um ar-condicionado no 12º andar, que ocasionou um curto-circuito, provocando o início do fogo, que ardeu durante horas. Relata-se, além disso, que o registro dos hidrantes do prédio estavam fechados durante o incêndio, que rapidamente se alastrou pelos andares - com salas adornadas por cortinas, tapetes

e móveis de madeira -, impossibilitando o combate e obstruindo as saídas de emergência. Aos 28 anos, recém-formado na época, Coronel Pintor, iniciava nesta data, seu primeiro dia como aspirante oficial da Polícia Militar de São Paulo. Recebeu na alfândega, onde os oficiais encomendavam suas fardas, a notícia de que um incêndio havia se alastrado em um prédio no centro de São Paulo. Ao apresentar-se no Batalhão Tobias de Aguiar, à avenida Tiradentes, Coronel Pintor, ainda sem informações concretas a respeito do incidente que assolava a capital paulista, recebeu áridas ordens. "Chegando ao Batalhão [Tobias de Aguiar], o Capitão Albino Carlos Pazelli, da Companhia de Operações Especiais, me encarregou de assumir o comando de uma equipe para auxiliar o Corpo de Bombeiros a chegar ao edifício Joelma. Só disse isso e me mandou colocar outra farda - a qual guardo até hoje".

"Mobilizei uma tropa e fomos até o edifício, ao chegar à avenida Prestes Maia, o trânsito estava totalmente parado. Ali, ordenei que a equipe fosse ao local de incidente correndo", recorda o Coronel. "Foi difícil chegar, porque havia muitas pessoas obstruindo o caminho. Então, procuramos retirar aqueles civis, com muita cautela, pois estes também queriam ajudar, o que era impossível, pois o desespero estava instaurado".

Segundo o Coronel Pintor, os andares inferiores do edifício foram os primeiros a serem incinerados pelas chamas. Sem escadas externas de emergência, as pessoas só podiam subir o prédio, onde também não se encontrava meios para escapar do incêndio. "Via-se pessoas se jogando do prédio. Não havia tempo para nada e a alta temperatura era insuportável", comenta o Coronel, com certa ansiedade em sua voz. "No momento da adrenalina, não havia tempo de pensar em nada. Apenas em realizar o socorro", finaliza.

Devido à alta temperatura suscitada pelas labaredas de fogo, que consumiam o alto edifício Joelma, os socorristas estavam desidratados. "Recordo-me que pedi leite, para darmos 'banho' nos oficiais, devido ao problema de hidratação", comenta o Coronel.

As omissões do Estado vigente da época para com as equipes de resgate do Corpo de Bombeiros ficaram visíveis neste acidente, como ressalta o Coronel Pintor. "Os Bombeiros estavam desequipados - o que já havia sido alertado e requisitado ao governo -, e eles não possuíam escadas para atingir a parte mais afetada do prédio".

Um violento lapsos de memória retorna ao Coronel ao recordar do trabalho dos Bombeiros no incêndio. "Eram cenas chocantes. As pessoas amarravam cortinas para tentar descer e alcançar a escada dos Bombeiros".

O edifício Joelma, segundo as principais notícias do incidente, não possuía um heliponto, nem

tanto suportava a decolagem de um helicóptero em seu terraço. "Lembro-me do Sargento Cassaniga. Ele embarcou em um helicóptero pequeno e saltou sobre o prédio - Um ato fantástico - Nesta ação, ele [Cassaniga] sofreu uma fratura no tornozelo e mesmo assim, ferido, socorreu as pessoas. O prédio tinha muitas antenas e caixas d'água, o que atrapalhou o resgate".

Coronel faz questão de lembrar os heróis que salvaram vidas neste incêndio, que marcou com brasa em pele, a história de São Paulo. "Muita gente participou deste incêndio e praticaram atos de heroísmo, como o Sargento Cassaniga - com sua coragem ao pular sobre o prédio -, uma equipe formada pelo Tenente Coronel Hélio Caldas, Tenente Lisias Campos Vieira, e os policiais Antônio Benedito dos Santos e Osmar Lachelli - estes atravessaram do prédio Saint Patrick, edifício localizado à rua Santo Antônio, ao Joelma, por um cabo aéreo, a 70 metros de altura, aproximadamente".

As vítimas e os corpos eram encaminhados à Câmara Municipal de São Paulo, próxima ao edifício Joelma, onde se havia instalado um dispositivo para socorro às vítimas no heliponto. Médicos, enfermeiros e doadores de sangue voluntários chegavam ao local para auxiliar no resgate. Cobertores e tubos de oxigênio também foram recebidos. "As pessoas caíam e ficavam estateladas e após o socorro, eram levadas ao pátio da Câmara".

O incêndio, de acordo com as tensas memórias do Coronel Pintor, foi extinguido por volta de 14h. "Durante a tarde, entramos no prédio e foi aí que eu fiquei traumatizado. Encontrei no banheiro um casal bem próximo um ao outro, junto a mais de 14 pessoas mortas que na verdade, estavam 'cozidas' -, os membros desprendiam-se com facilidade dos



Corpos. Era um choque."

"Encontrávamos nos estreitos corredores e nas salas, pessoas carbonizadas, que mais pareciam objetos, pois os corpos diminuíam devido ao fogo e fica como uma estátua. Nunca esquecerei. Esse incidente no Edifício Joelma ficou marcado para sempre em mim", recorda emocionado o Coronel.

As mortes, segundo apontam os registros, foram de 187 pessoas, estas, que saíram de suas casas para mais um dia de trabalho e jamais puderam retornar. Aproximadamente 300 feridos foram contabilizados pelos jornais.

Após 39 dias do ocorrido, o laudo era expedido. As causas, como aponta o documento, foram impostas ao defeito na instalação elétrica. Para o impedimento do combate ao fogo, os hidrantes desativados, segundo

os peritos. Os dois pontos apresentados foram contestados, a fim de isentar responsabilidades por ambas as partes.

No concluir seu relato, em seu âmago, foi possível ver a emoção de um Coronel ao recordar tal episódio, que se assemelha a um roteiro de filme estadunidense, isto, se não fosse uma nefasta história real. "Vi muitos atos heróicos naquele dia, mas o que mais me marcou foi o ver o desespero das pessoas e a impotência do ser humano. Até hoje, tenho dificuldades em assimilar o que houve. Não tínhamos tempo e era demasiado o trabalho", finaliza com a consciência de, apesar do alto número de mortes, concluir seu primeiro trabalho como oficial da Polícia Militar. "Podemos cumprir a missão, nosso dever", conclui.



DR. FERRARI
ADVOGADO

Com larga experiência profissional, inscrito na OAB/SP desde 1962 sob nº 16.043, ex-Presidente da Subseção local, indicado em lista triplíce para o Quinto Constitucional à vaga de Juiz do Tribunal de Justiça de SP conforme publicado em Diário Oficial de 17/10/77, homenageado como decano dos advogados, pela Ordem dos Advogados do Brasil - Seccional de São Paulo por relevantes serviços prestados à Justiça, atende interessados, pessoa física ou jurídica, comércio ou indústria, sobre qualquer assunto profissional. Contato - Septímio Ferrari.

Fone: 9.9773-3740 / 3271-2007

Imposição das primeiras Insignias Episcopais

MONS. JOSÉ BENEDITO CARDOSO

08 FEVEREIRO
ÀS 19H30

PARÓQUIA SÃO ROQUE
ITAPETININGA - SP

"O Senhor é meu pastor e nada me faltará"
SALMO 23

O TRADICIONAL
CLUBE VENÂNCIO AYRES
QUALIDADE DE VIDA E LAZER DESDE 1888.

liflex
A CASA DA BORRACHA

3271-8090
3271-2570
www.liflex.com.br

30 ANOS

✓ CORREIAS: A, B, C, D, E AGRÍCOLAS
✓ FLEXÍVEIS E CONEXÕES HIDRÁULICAS
✓ MANGUEIRAS
✓ EPI'S
✓ LONAS PLÁSTICAS
✓ LENÇOL DE BORRACHA

Continental
The Future in Motion

GOODYEAR
ENGINEERED PRODUCTS

Goodyear
agora é
Continental

Rua Alfredo Maia, 765 - Centro - Itapetininga - SP